

Seminário de História Religiosa Moderna  
3ª Sessão – 18 de Maio de 2010 – 17.00h

1. **Comunicação: Evangelizar o mundo: missões e missionários portugueses no império** – por Federico Palomo – Universidade Complutense de Madrid e CEHR (UCP).
2. **Presenças:** 24
3. **Introdução:** José Pedro Paiva introduziu o palestrante da sessão da tarde. Referiu ter sido um dos mentores e director do Seminário de História Religiosa Moderna; informou tratar-se de um dos autores que mais e melhor tem trabalhado sobre a história religiosa moderna, com particular destaque no âmbito da missionação interna; destacou ainda os seus trabalhos sobre a figura do arcebispo de Évora, D. Teotónio de Bragança, a actuação da monarquia filipina (em especial D. Felipe I) no campo eclesiástico, responsabilizando-o ainda pela divulgação e aplicação prática de dois conceitos que de forma inovadora se introduziram entre nós: o de confessionalização e o de disciplinamento.
4. **Texto da comunicação:** A ser publicado no *site* habitual.  
Após a comunicação de Federico Palomo, usou da palavra Giuseppe Marcocci. Por razões alheias ao seu querer, não lhe tinha sido possível estar presente na última sessão. Agradeceu a possibilidade que se lhe dava de referir algumas questões marcantes, assinaladas já no texto que enviara e aproveitou para estabelecer várias articulações entre o que escrevera e algumas das linhas da intervenção de Federico Palomo. Entendeu fazer uma distinção entre o império e o reino do ponto de vista da missionação e sublinhou a noção de que, sobretudo em função da censura inquisitorial, o exercício da escrita nos séculos XVI a XVIII era muito escrutinado/censurado impondo limites ao que se podia afirmar e obrigando o historiador a tentar ler/interpretar as entrelinhas e o não dito.
5. **Bibliografia:** Devido à impossibilidade da presença de António Camões Gouveia não houve a apresentação de bibliografia sobre a temática da sessão.
6. **Intervenções livres:** Seguiu-se o habitual espaço de debate. Verificaram-se intervenções de Matilde Santos, Sara Bravo Ceia, Ana Alves, Ângela Barreto Xavier, Jorge de Sousa, José Alberto Tavim e José Pedro Paiva. As questões levantadas foram muito variadas, como era expectável num grupo tão heterogéneo e com um leque tão variado de segmentos de investigação em curso. Uma das questões propostas foi a de saber da capacidade do cristianismo se aculturar, em particular quanto aos conteúdos da sua mensagem e às formas de escrita, a realidades tão diferentes daquelas que se viviam na Europa. As questões sobre os modos de escrita produzida por agentes na área da evangelização e que por vezes regressavam ao reino, também eram passíveis de ser aplicadas aos que nunca partiram, e espelha uma razoável preocupação pela expansão do cristianismo no império português (visível, por exemplo entre os teatinos). Pretendeu-se que fosse melhor explicitado se os autores de textos destinados à evangelização eram agentes que actuavam no terreno, ou membros das ordens regulares a que pertenciam e que, normalmente, tinham formação superior e permaneciam nas casas mães. Foi igualmente referido que a situação económica diferenciada entre as ordens presentes na área da evangelização pode ter sido determinante na produção da escrita. Considerou-se ser exageradamente eurocêntrica a perspectiva que coloca o conceito de padronização (standardisation) como oposto ao de mestiçagem (tal como concebido por Gruzinski), insistindo que havia muitas experiências locais que escapavam a este quadro e que tinham enorme capacidade de

influenciar os comportamentos e a escrita dos evangelizadores. A capacidade de adaptabilidade ou aculturação continuam a ser questões a merecer estudo e atenção. A matização nas abordagens terá muito a ver com os agentes de fora, a preparação que tiveram e com os contextos em que actuaram e nesse, contexto, sublinhou-se a ideia de que o “diálogo” com certas áreas era impossível (forneceu-se o exemplo do budismo). A literatura “rústica” também então utilizada, entrosava-se em práticas antigas do cristianismo antigo e medieval e coube perguntar-se o que é que os ditos “rústicos” de cá aprenderam com as propostas oriundas da missionação. Já na parte final fez-se referência aos chamados teólogos da corte. Importava saber até que ponto direccionaram, via régia, práticas de evangelização nos territórios do império ou em áreas geográficas sob tutela do padroado lusitano. A questão dos chamados teólogos da corte remeteu para muitos outros questionamentos: qual a sua real influência na estratégia da evangelização? Como se relacionaram os monarcas deste período com eles? Qual a origem e a consistência interna deste corpo que aparentemente albergava gente tão distinta do ponto de vista dos seus percursos, formação e integração no campo religioso. Teriam tido outras figuras eclesiásticas, (e também bons teólogos), exteriores ao paço, prioridade no aconselhamento sobre o dinamismo evangelizador do reino e dos territórios que constituíam o império? Houve teologia sem teólogos?